

DESLOCAMENTO AMBIENTAL: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS OBSERVADAS ATRAVÉS DAS DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE

ENVIRONMENTAL DISPLACEMENT: CAUSES AND CONSEQUENCES OBSERVED THROUGH THE DIMENSIONS OF SUSTAINABILITY

Yury Augusto Dos Santos Queiroz¹

Heloise Siqueira Garcia²

Resumo: O objetivo geral e científico deste artigo é analisar quais são as principais causas e consequências dos deslocamentos ambientais e como essa migração de pessoas pode afetar a localidade receptora, bem como verificar de que forma a população deslocada é afetada pelos desastres ambientais. o trabalho foi dividido em dois, no primeiro momento veremos as dimensões da sustentabilidade de forma sucinta e como elas se apresentam. no segundo, veremos as causas e consequências de alguns desastres ambientais. quanto à metodologia foi utilizado o método indutivo na fase de investigação; o cartesiano na fase de tratamento de dados; e também o indutivo no relatório da pesquisa. foram ainda acionadas as técnicas do referente, da categoria, dos conceitos operacionais, da pesquisa bibliográfica e do fichamento.

Palavras-chave: Deslocados Ambientais. Desastres. Sustentabilidade.

Abstract: *The general and scientific objective of this article is to analyze the main causes and consequences of environmental dislocations and how this migration of people can affect the receiving locality, as well as to verify how the displaced population is affected by the environmental disasters. the work was divided in two, in the first moment we will see the dimensions of sustainability succinctly and how they present themselves. In the second, we will look at the causes and consequences of some environmental disasters. Regarding the methodology, the inductive method was used in the research phase; the Cartesian in the data processing phase; and also the inductive in the research report. the techniques of the referent, of the category, of the operational concepts, of the bibliographical research and of the file were still triggered.*

Keywords: *Environmental Displacement. Disasters. Sustainability.*

1 Mestre em Ciência Jurídica da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Pós-graduado lato sensu em Direito Empresarial e dos Negócios pela UNIVALI. Bacharel em Direito pela UNIVALI. Advogado militante nas áreas de Direito Civil, Direito Previdenciário. E-mail: yury.queiroz@hotmail.com. Balneário Camboriú, estado de Santa Catarina, Brasil.

2 Doutoranda em Ciência Jurídica pelo PPCJ - UNIVALI. Doutoranda em Derecho pela Universidade de Alicante - Espanha. Mestre em Ciência Jurídica pelo PPCJ - UNIVALI. Mestre em Derecho Ambiental y de la Sostenibilidad pela Universidad de Alicante - Espanha. Pós-graduada em Direito Previdenciário e do Trabalho pela UNIVALI; e em Ensino e Tutoria a Distância pela Faculdade AVANTIS. Graduada em Direito pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Advogada. Email: heloise Garcia@univali.br

1 INTRODUÇÃO

O aumento da poluição, o conseqüente aquecimento global e destruição da camada de ozônio propiciam o efeito estufa, esse que é resultante do aprisionamento na atmosfera de irradiações térmicas que ao não poderem sair ao espaço exterior produzem um progressivo aquecimento. A modificação da cobertura gasosa da Terra causada pelos problemas acima expostos resultam no aumento da temperatura das camadas inferiores da atmosfera, o que leva a outras alterações meteorológicas e à modificação final dos comportamentos humanos, pois estudos já comprovam que a mudança climática a médio e longo prazo causam alterações na geografia física do mundo, no regime de precipitação e em outros aspectos inter-relacionados diretamente com o comportamento humano de produção como a agricultura, a pecuária e os cultivos marinhos, assim como atividades não produtivas como projetos de habitações, planejamento e atividades recreativas.³

Podemos citar como problemas reais vividos nos últimos anos com repercussões mundiais: o tsunami no sul da Ásia em 2004; a passagem do Furacão Katrina que destruiu a região metropolitana de Nova Orleans nos Estados Unidos em 2005; os terremotos no Haiti e no Chile em 2010; erupção de uma ilha vulcão em 2010; desastre triplo no Japão em 2011: terremoto, tsunami e crise nuclear; furacão Irma em 2017. Além de tantos outros eventos como queimadas florestais, derramamento de petróleo e a chuva ácida.

Todos esses eventos, destacados como desastres ambientais geram, entre suas conseqüências, problemáticas que envolvem todas as três dimensões clássicas da sustentabilidade, a saber, a social, a econômica e a ambiental. Outrossim, desastres na característica de “ambientais” modificam todo o seu “meio”, resultando, como uma de suas conseqüências, a necessidade de deslocamento de pessoas com o intuito de preservação da vida.

Nesse ínterim, desenvolve-se o estudo do presente artigo, que apresenta como objetivo geral analisar as causas e conseqüências, a partir das dimensões da sustentabilidade, do deslocamento ambiental com um viés empírico e exemplificativo.

Ademais, apresenta-se como objetivos específicos da pesquisa compreender a sustentabilidade e suas dimensões a partir dos principais teóricos contemporâneos; definir deslocados ambientais; verificar exemplos práticos de deslocamento ambiental, suas causas e conseqüências a partir da perspectiva da sustentabilidade.

Para tanto, o trabalho foi problematizado com o seguinte questionamento: quais as causas e conseqüências do deslocamento ambiental de pessoas a partir das três dimensões clássicas da sustentabilidade?

Em resposta a tal questionamento, a hipótese aventada foi a de que todo desastre ambiental gera danos em seu meio com repercussões de escala social, econômica e ambiental, levando, inclusive, à necessidade de deslocamento de pessoas para sobrevivência, o que, por sua vez, geram outras conseqüências sociais, econômicas e ambientais, devendo, tudo isso, ser observado, acolhido e tratado pelo direito.

Desta feita, elencando os objetivos, problema e hipótese, o trabalho foi dividido para a melhor compreensão do tema em duas partes: 1. As dimensões da sustentabilidade; e 2. Os impactos dos desastres ambientais nas populações afetadas.

Na metodologia foi utilizado o método indutivo na fase de investigação; na fase de tratamento de dados o método cartesiano e no relatório da pesquisa foi empregada a base indutiva. Foram também acionadas as técnicas do referente, da categoria, dos conceitos operacionais, da pesquisa bibliográfica e do fichamento⁴.

3 MARTÍN MATEO, Ramón. Tratado de Derecho Ambiental. Madrid: Trivium, 1992, v.2, p. 405-434.

4 Conforme estabelecido na obra: PASOLD, Cesar Luiz. Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática. 13. ed. Florianópolis: Conceito Editorial, 2015, p. 58.

2 AS DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE

Segundo Freitas⁵ a Sustentabilidade, “é multidimensional, porque o bem-estar é multidimensional”, e para que assim continue é necessário que se atenda ao “ambiental, sem ofender o social, o econômico, o ético e o jurídico”. Das explicações de Freitas, e com base no restante da doutrina especializada, é possível estudar as dimensões da Sustentabilidade através de três principais, são elas: social, ambiental e econômica. Essas dimensões são vistas como os pilares da Sustentabilidade que ao mesmo tempo em que são interdependentes, também se sustentam mutuamente.

Nesse contexto, o presente trabalho abordará especificamente estas três dimensões principais: social, ambiental e econômica. O estudo da Dimensão Social a Sustentabilidade parte da ideia de que não se pode admitir um modelo de desenvolvimento onde se incluem alguns e se excluem outros, seja por raça, gênero ou qualquer outra forma pré-definida. Deve-se sempre ir em busca da qualidade de vida digna para todos, sobre este ponto Real Ferrer⁶ diz o seguinte:

[...] la calidad de vida se asocia y depende del entorno vital en que nos movamos. Entorno físico-natural, entorno afectivo y entorno-social. Bien, como veremos, la humanidad tiene ante sí el monumental reto de adecuar sus conductas individuales e colectivas para hacer posible un futuro de esperanza que conserve un medio ambiente adecuado para nuestro desenvolvimiento colectivo y sea capaz de crear una sociedad, más justa y solidaria, que haga posible nuestra realización personal em un marco de dignidad colectiva. Ese es el reto y ese el nuevo paradigma, la sostenibilidad.

Ou seja, o alcance da Sustentabilidade em todas as suas dimensões demanda um esforço comum de todas as áreas, de todas as pessoas, um modelo de governança que apresente medidas universais com eficiência e eficácia⁷, os agentes devem pensar globalmente e atuar localmente⁸.

Complementando o conceito acima, para Freitas⁹ a dimensão social da Sustentabilidade reclama incremento da equidade, na potencialização e no fomento das qualidades humanas com educação de qualidade, além do engajamento na causa do desenvolvimento que perdura e faz a sociedade mais apta a viver a longo prazo, com dignidade própria e acima de tudo respeito à dignidade dos demais seres vivos.

Nesse contexto, é possível verificar, por exemplo, que a preservação do meio ambiente ou a obtenção de uma sociedade “sustentável”, será manifestamente insustentável se obtida por meio de uma economia “indecente”, que não respeite a dignidade do ser humano.

Tendo em vista que para haver Sustentabilidade ‘plena’, é necessário que se trabalhe a dimensão econômica da Sustentabilidade, esta que surgiu, segundo Leff¹⁰, com a crise ambiental, quando a economia se viu obrigada a assumir sua responsabilidade na crescente degradação ecológica e na escassez de recursos naturais.

Há, portanto, que se considerar que a dimensão econômica está preocupada com o desenvolvimento de uma economia que tenha por finalidade gerar uma melhor qualidade de vida para as pessoas, com padrões de desenvolvimento que gerem o menor impacto ambiental possível.

5 FREITAS, Juarez. Sustentabilidade: direito ao futuro. 2. Ed. Belo Horizonte: Fórum, 2012, p.57.

6 REAL FERRER, Gabriel. Calidad de vida, medio ambiente, sostenibilidad y ciudadanía ¿construimos juntos el futuro?. *Novos Estudos Jurídicos*. 2012. Disponível em: <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/34959/1/2012_Real_NEJ.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2017.

7 FREITAS, Juarez. Sustentabilidade: direito ao futuro. 2. Ed. Belo Horizonte: Fórum, 2012, p.59.

8 REAL FERRER, Gabriel. La Construcción Del Derecho Ambiental. *Novos Estudos Jurídicos*, [S.l.], v. 18, n. 3, p. 347-368, dez. 2013. ISSN 2175-0491. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/nej/article/view/5128>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

9 FREITAS, Juarez. Sustentabilidade: direito ao futuro. 2. Ed. Belo Horizonte: Fórum, 2012, p.60.

10 LEFF, Henrique. *Discursos sustentáveis*. São Paulo: Cortez, 2010. p.37.

Essa dimensão passou a ser considerada no contexto da Sustentabilidade, primeiro porque não há como retroceder nas conquistas econômicas (de desenvolvimento) alcançadas pela sociedade mundial, e segundo porque o desenvolvimento econômico é necessário para a diminuição da pobreza alarmante, por exemplo, através de novas vagas de emprego.

Segundo Brown¹¹, criou-se uma economia que não pode sustentar o progresso econômico, uma economia que não pode nos conduzir ao destino desejado. Por este motivo a 'economia verde' propõe "um enfoque multidisciplinar para a gestão do meio ambiente, excluindo o crescimento quantitativo de seus pensamentos a favor de um desenvolvimento qualitativo"¹².

Com base no que foi apresentado até agora, percebe-se que não há como se desvincular o Direito Ambiental do Direito Econômico¹³, devendo ambos serem tratados de forma ampla e conjunta, com a finalidade de conceber a conciliação entre o desenvolvimento e a Sustentabilidade, com a finalidade de unir a preservação dos recursos ambientais e do desenvolvimento econômico. Sendo assim, passa-se agora a apresentar um pouco no que consiste a Dimensão Ambiental da Sustentabilidade.

Segundo Nascimento¹⁴, a Dimensão Ambiental da Sustentabilidade "supõe que o modelo de produção e consumo seja compatível com a base material em que se assenta a economia, como subsistema do meio natural" ou seja, produzir e utilizar recursos de forma que os ecossistemas possam manter sua capacidade de resiliência. Sachs¹⁵ entende que a dimensão ambiental,

[...] está vinculada à preservação do potencial do ecossistema na sua produção de recursos renováveis, à limitação do uso de recursos não-renováveis e ao respeito e realce da capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais.

No conceito de Real Ferrer sobre a dimensão ambiental da Sustentabilidade, esta pode ser entendida como aquela que garante a proteção do sistema planetário, mantendo as condições que possibilitam a vida na terra, salientando ao final, que há necessidade de desenvolver normas globais para que esta dimensão possa ser eficaz.

Por fim, em resumo, a dimensão ambiental volta-se para preservação do meio ambiente, não em uma perspectiva individualista, mas por um conceito transindividual, com o objetivo de preservar o meio ambiente para as gerações presentes e futuras. Aqui entrando na dimensão social, como visto, busca a efetivação de direitos sociais, pois havendo respeito ao ser humano este também respeitará a natureza e o uso equilibrado de seus recursos, ponto no qual se adentra na dimensão econômica da Sustentabilidade, que consiste na conscientização da finitude dos recursos naturais, visando uma conscientização nesse aspecto, propiciando a manutenção do que já foi alcançado, porém buscando uma melhor forma de utilização dos recursos, preservando-os e renovando para as gerações futuras.

11 BROWN, Lester R. Eco-economia: construindo uma economia para a terra. Salvador: UMA, 2003. p.06.

12 AGUADO, Itziar; ECHEBARRIA, Carmen; BARRUTIA, José M.. El desarrollo sostenible a lo largo de la historia del pensamiento económico. Revista del Economía Mundial, Huelva, n. 21, p. 87-110, 2009. p.102.

13 MONTIBELLER FILHO, Gilberto. O mito do Desenvolvimento Sustentável: meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

14 NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Trajetória da Sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. Estud. av., São Paulo, v.26, n.74, p.51-64, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 Aug. 2016.

15 SACHS, Ignacy. Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro: Garamond. 2002. p.86.

3 OS IMPACTOS DOS DESASTRES AMBIENTAIS NAS POPULAÇÕES AFETADAS¹⁶

Na ausência de uma norma, como conceito operacional, serão considerados como Deslocados Ambientais as pessoas físicas, as famílias e as populações confrontadas a um Desastre brutal ou gradual em seu ambiente afetando inelutavelmente suas condições de vida e lhes forçando a deixar, com urgência ou no seu decorrer, seus lugares habituais de vida e requerendo sua relocação ou realojamento, conforme consta no Projeto de Convenção Relativa ao Estatuto Internacional dos Deslocados Ambientais,

Segundo a classificação de Desastres, feita por Bates¹⁷, umas das formas de Desastre que obrigou o deslocamento é a construção de hidrelétricas. Partindo deste ponto, segundo Rosa e Busato¹⁸, obras de grande porte como usinas hidrelétricas acarretam mudança no cenário de sua instalação, alterações que estão relacionadas não só ao ecossistema de espécies vegetais e animais, mas também à paisagem natural e à vida humana, as autoras entrevistaram cerca de 13 (treze) famílias que foram deslocadas para possibilitar a construção da hidrelétrica da Foz do Chapecó, e o que elas extraíram dos entrevistados foram os seguintes sentimentos e falas:

Estou aqui contra a vontade, queria ter meu chato, meu chão, nós queríamos morar lá no interior, lá na roça onde nós morávamos antes. (Entrevistado 1). Residir aqui, vou falar bem certo, aqui não é a mesma cultura que nós tínhamos lá embaixo. (Entrevistado 11). Nós era mais feliz antes, nós tinha visita, os vizinhos, nós trabalhava lá pra baixo, depois ficamos sem nossa melhor terra. (Entrevistado 13). Antes da Foz tinha fruta na beira do rio, tinha bicho, tinha tudo, hoje não tem mais nada. (Entrevistada 3). Tinha bastante árvores, frutas nativas, isso também foi uma perda. Mudou tudo, ficou muito diferente, quem vai lá não reconhece mais. (Entrevistado 14). A gente plantava melancia e nunca dava problema, ano passado plantamos não deu nenhum pé, não colhemos nada. (Entrevistado 5). A gente olha ali pra baixo e tinha vizinho, e tinha tudo [lágrimas nos olhos]. A gente ficou sozinho, um vazio, não tem mais nenhum morador. Ficou ruim porque não tem mais uma visita, não tem mais ninguém, todos longe. (Entrevistado 13).

Esses são somente alguns dos vários relatos apresentados por Rosa e Busato, porém é possível observar que não foi só no âmbito da convivência social que houve alteração, a qualidade da terra e forma de subsistência também foi afetada quando a plantação de melancia não “vingou” como nas épocas que moravam onde hoje é área inundada.

Os relatos também demonstram que aquela população teve de se adaptar a nova realidade que lhes foi imposta, segundo Saquet¹⁹, ao deslocar-se o homem passa a ocupar um novo lugar, um novo território de forma social e espacial, e por este motivo ele cria um “novo local”, adquire novas crenças, valores e uma nova cultura, além de alterar seu comportamento, em outras palavras, adapta-se.

16 Este subtítulo contém fragmentos e transcrições do artigo seguinte: GARCIA, Denise Schmitt Siqueira; QUEIROZ, Yury Augusto dos Santos. Impactos Multidimensionais Da Sustentabilidade Causados Pelos Deslocados Ambientais. Aguardando publicação.

17 BATES, Diane C. Environmental Refugees? Classifying Human Migrations Caused by Environmental Change, p. 469. Disponível em: <<http://greencurriculumsc.files.wordpress.com/2012/04/environmental-refugees1.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2017. Tradução livre do autor.

18 ROSA, Lisiane da. BUSATO, Maria Assunta. Transformações sociais e do meio ambiente vivenciadas por famílias atingidas pela hidrelétrica Foz do Chapecó. In: PIT DAL MAGRO, Márcia Luíza; RENK, Arlene; FRANCO, Gilza Maria de Souza. (orgs.). Impactos socioambientais da implantação da hidrelétrica Foz do Chapecó. Chapecó, Santa Catarina. Ed. Argos. 2015. p.165.

19 SAQUET, M. A. Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

Contudo, tal como explicou Saquet acima, segundo Rosa e Busato²⁰, apesar da adaptação difícil, as famílias deslocadas visualizaram nessa mudança uma oportunidade de ter uma vida mais confortável, com melhores possibilidades de trabalho, renda e condições de moradia e segurança. Ou seja, mesmo com a saudade e o apego anteriormente relatado, devido a necessidade de reconstruir suas identidades, essas famílias puderam se adaptar ao novo local e as novas necessidades e interações sociais que se colocavam à sua frente.

Nesse diapasão, Falicov²¹ acentua que a dificuldade de adaptação é natural, principalmente quando ocorre a migração de forma forçada, pois normalmente, as pessoas tendem a ter maior dificuldade em aceitar e aderir à nova realidade que se coloca, diferente daquelas que decidem espontaneamente pela migração, por exemplo, um Migrante econômico que desloca-se à procura de uma vida melhor, devido à falta de oportunidades no mercado de trabalho e pobreza em sua localidade anterior, tende a se adaptar muito mais rápido que um Deslocado Ambiental ou um Refugiado que é forçado a deixar sua casa.

A hidrelétrica apesar de causar impactos, por certo pode ser considerada “menor” diante do segundo exemplo que se passa a apresentar, trata-se de um Desastre Ambiental causado pelo homem e lembrado até hoje por milhares de pessoas ao redor do planeta, a explosão da usina nuclear de Chernobyl, Desastre nuclear ocorrido em 26 de abril de 1986.

[...] os prestadores de socorro das primeiras horas receberam em Chernobyl doses tão altas que sua morte pode ser atribuída com toda certeza ao acidente. Mas, para todas as pessoas que sofreram, na hora ou em seguida, doses médias ou fracas, as coisas são mais complexas. Em princípio, uma pesquisa epidemiológica poderia avaliar, retrospectivamente, o excesso das doenças malignas que afetaram as populações atingidas sobre a taxa normalmente esperada. Mas essa pesquisa não pôde ser feita corretamente em Chernobyl, pois as populações mais afetadas, os bombeiros e as pessoas que puderam ser deslocadas dispersaram-se pelo território da União Soviética, e nenhum acompanhamento pôde ser efetuado²².

O local mais afetado pela explosão da usina de Chernobyl foi a cidade de Pripjat, fundada em 4 de fevereiro de 1970, ela essencialmente abrigava os trabalhadores da usina e seus familiares. A infraestrutura local contava com casas, apartamentos, escola, hospitais, bibliotecas, cinemas, salas de espetáculos, locais para esporte, lojas, ferrovia e rodovia. Quando o acidente aconteceu a população estimada era de 49.000 habitantes, ninguém pode continuar na cidade e tiveram de sair levando apenas a roupa do corpo²³.

Segundo o documentário “O Desastre de Chernobyl” produzido pelo Discovery Channel²⁴, que é reconhecido pela embaixada da Ucrânia no Brasil por meio de documento disponibilizado como fonte fidedigna dos acontecimentos²⁵, relata por exemplo, que foi só após trinta horas do ocorrido que as medidas de precaução foram tomadas para os habitantes de Pripjat, como a distribuição de pílulas de iodo e

20 ROSA, Lisiane da. BUSATO, Maria Assunta. Transformações sociais e do meio ambiente vivenciadas por famílias atingidas pela hidrelétrica Foz do Chapecó. In: PIT DAL MAGRO, Márcia Luíza; RENK, Arlene; FRANCO, Gilza Maria de Souza. (orgs.). Impactos socioambientais da implantação da hidrelétrica Foz do Chapecó. Chapecó, Santa Catarina. Ed. Argos. 2015. p.178-179.

21 FALICOV, Celiza Jaes. Migración, pérdida ambigua y rituales. Perspectiva Sistémica. Buenos Aires, n.69. 2011. Disponível em: <<http://www.redsistemica.com.ar/migracion2.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

22 DUPUY, Jean-Pierre. A catástrofe de Chernobyl vinte anos depois. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 21, n. 59, p. 243-252, apr. 2007. ISSN 1806-9592. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10219>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

23 CASTILHO, Maria Augusta; DE LIMA SUGUIMOTO, Djmes Yoshikazu. CHERNOBYL-A CATÁSTROFE. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, v. 12, n. 2, p. 316-322, 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/yuryq/Downloads/1506-5166-1-PB.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

24 DISCOVERY CHANNEL. O Desastre de Chernobyl. (Vídeo) diretor Thomas Johnson. 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bv4A0qZsfHs>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

25 CASTILHO, Maria Augusta; DE LIMA SUGUIMOTO, Djmes Yoshikazu. CHERNOBYL-A CATÁSTROFE. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, v. 12, n. 2, p. 316-322, 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/yuryq/Downloads/1506-5166-1-PB.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

a evacuação em massa. Devido à demora em serem tomadas as primeiras medidas necessárias, a evacuação quando iniciada foi realizada em um prazo de duas horas, literalmente a população saiu com a roupa do corpo abandonado sua casa e vida naquela cidade. Segundo essa mesma fonte todas as pessoas foram evacuadas em apenas três horas e meia, sem nenhum tipo de pânico, ônibus levaram os primeiros deslocados (ambientais) atômicos da Europa.

[...] A evacuação aconteceu sem nenhum tipo de desespero, mas não foram sem recusa, uma vez que muitos moradores em alguns locais convocaram assembleias para evitar a saída das pessoas. Alguns idosos não acreditavam em um inimigo invisível, chegavam a esconder-se em porões e quando achados pelos militares ficaram aos prantos por ter que abandonar suas terras. A cidade de Chernobyl só foi evacuada no dia 27, essa cidade era maior que Pripjat, a estratégia para levar as pessoas a um local com melhores condições foram as mesmas executadas nas primeiras cidades e vilas. As cidades, vilas e casas rurais dentro da zona de exclusão nunca mais iriam receber nenhum habitante, tornando-se cidades fantasmas que ainda hoje abriga objetos dos seus antigos moradores²⁶.

Conforme diserta Mara²⁷, as terras em volta da usina se tornaram inutilizáveis, pois as plantas, o solo e a água estavam muito contaminados após o acidente. Além disso, dezenas de milhares de quilômetros quadrados de áreas agricultáveis foram contaminadas pela radiação e grandes quantidades de alimentos, especialmente produtos lácteos foram destruídos²⁸. Também mais de 4 milhões de hectares de florestas na Europa foram contaminadas pela radiação de Chernobyl²⁹, prejudicando a alimentação de grande parte da população mais pobre do Leste Europeu que dependia de seus recursos para complementar a sua dieta alimentar³⁰.

26 CASTILHO, Maria Augusta; DE LIMA SUGUIMOTO, Djmes Yoshikazu. CHERNOBYL-A CATÁSTROFE. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, v. 12, n. 2, p. 316-322, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/yuryq/Downloads/1506-5166-1-PB.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2017.

27 MARA, Wil. The Chernobyl disaster: legacy and impact on the future of nuclear energy (Perspectives on). NY: Marshall Cavendish Corporation, 2011. p.77.

28 SCHWARTZ, Julia A. International nuclear third party liability law: the Response to Chernobyl. In: NEA-OECD/ IAEA. International Nuclear Law in the Post-Chernobyl Period. Paris: OECD, 2006. ISBN 92-64-02293-7. Disponível em: <https://www.oecd-nea.org/law/chernobyl/SCHWARTZ.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2016

29 IPATYEV, Victor A.. Healing the damage of Chernobyl: radiationcontaminated forests and their rehabilitation. Unasylya: FAO, 2007. Disponível em: <http://www.fao.org/docrep/004/y2795e/y2795e08.htm>. Acesso em: 26 abr. 2016.

30 MARTUSCELLI, Patrícia Nabuco. De Chernobyl a Fukushima: os impactos dos danos ambientais nos direitos das crianças. Estudos internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas, v. 3, n. 2, p. 225-246, 2016.

Figura 1 - Antes e depois da cidade de Pripyat



Fonte: Pinterest³¹

Como é possível extrair dessa pequena porção da história de Chernobyl, não foi só a população local que foi afetada, todo o leste europeu sofre até hoje com as consequências provocadas pela explosão, principalmente com as doenças causadas pela contaminação. Durante a pesquisa não foi possível verificar para que local as pessoas, familiares e trabalhadores, foram deslocados, as únicas informações apresentadas é que se espalharam pela Europa e que sofreram restrições em suas atividades habituais o que tornou a rotina diária difícil e instável, além da presença de ansiedade, angústia, atitudes fatalísticas e uma mentalidade de vitimização³², contudo não há demonstração se houve ou não consequências físicas ao local e população receptores.

O próximo exemplo a ser apresentado completou três anos em novembro de 2018, conhecido como o "Desastre de Mariana" a calamidade ocorreu na tarde de 05 de Novembro de 2015, quando

31 K., Natalie. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/134545107598582845/>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

32 GONZÁLEZ, Abel J. Chernobyl: ten years after: global experts clarify the facts about the 1986 accident and its effects. IAEA BULLETIN, v. 3, p. 2-13, 1996. Disponível em: <<https://www.iaea.org/sites/default/files/38302740213.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

A barragem de Fundão, da mineradora Samarco, uma empresa *joint venture* da companhia Vale do Rio Doce e da anglo-australiana BHP- Billiton, se rompeu liberando um volume estimado de 34 milhões de metros cúbicos (m³) de lama, contendo rejeitos de mineração, resultando em intensa destruição nos povoados próximos à jusante da mineradora e diversos outros impactos que se estenderam por 650 km. Foi o maior Desastre mundial desse tipo desde os anos 1960, resultando em danos humanos e ambientais que podem ter um horizonte temporal de longo prazo, efeitos irreversíveis e de difícil gestão³³.

A avalanche de rejeitos gerada pelo rompimento causou danos ambientais imensuráveis e irreversíveis conforme trazem os autores acima, também provocou um cenário de devastação no distrito de Bento Rodrigues, o mais atingido, que ficava cerca de 2 km de onde ocorreu o rompimento, aproximadamente 85 famílias perderam as casas ou tiveram o imóvel afetado pela ocorrência. Abaixo alguns relatos dos moradores da região em entrevista realizada por Silva, Boava e Macedo³⁴:

[...] todo mundo estava tentando se salvar. E naquele momento passou um saveiro e falou assim: corre gente, 'sobe aí, é o fim do mundo, nós vamos morrer todo mundo'. Aí a caminhonete levou a gente até o alto da igreja, até a caixa d'água, aí você via gente carregando os mais velhos nas costas, pessoas carregando pessoas no carrinho de mão, e foi um desespero total. A sensação era de que tava acabando tudo mesmo.

Mudou tudo, perdemos tudo, não sobrou nada. Minha casa foi totalmente tomada pela lama, perdemos tudo, só deu tempo de sair com a roupa do corpo e pegar as minhas filhas e sair correndo.

Uai agora mudou tudo, eu tô ruim. Meu psicólogo ficou ruim, minha mente ficou lá, ruim, entendeu? Tudo que aconteceu comigo e com minha família, com todos, né? Só fica esse Desastre na vida da gente. Tragédia, eu perdi tudo, tudo. Minhas criação foi tudo embora, tudo embora pra água abaixo. Nosso futuro agora só Deus sabe, porque agora nós estamos na mão da Samarco. Eu saí com a roupa do corpo, perdi tudo. Casa, criação, eu tinha carro, tinha moto, tudo que você imaginar na vida eu perdi.

Freitas, Silva e Menezes também destacam que a população local e da microrregião foram afetados dos mais diferentes modos, simples ou combinados, para além da perda de parentes e amigos, lesão ou dano direto à saúde, perdas materiais e imateriais, dos quais destacam

[...] a) comprometimento dos serviços de provisão de alimentos e água potável; b) de regulação do clima (destruição de mais de mil hectares de cobertura vegetal) e dos ciclos das águas (contribuindo para enchentes nos períodos chuvosos), contribuindo para alteração nos ciclos de vetores e de hospedeiros de doenças (dengue, chikungunya e zika, além de outras doenças como esquistossomose, doenças de Chagas, leishmaniose, que podem surgir meses após o período inicial do Desastre); c) animais peçonhentos, que também tiveram seus habitats completamente alterados ou destruídos; d) doenças respiratórias e contaminação dos organismos com a transformação da lama de rejeitos em grande fonte de poeiras e material particulado (contendo óxido de ferro, sílica e matéria orgânica, além da hipótese de outros metais como alumínio e manganês) inalado pelas pessoas; e) impactos psicossociais e na saúde mental, resultantes do comprometimento das heranças culturais e da perda da sensação de lugar, bem como a sensação de insegurança e medo da violência para os que foram deslocados para abrigos ou casas temporárias, contribuindo para futuras doenças crônicas, como as cardiovasculares. Não menos grave foram também os impactos sobre os índios Krenak, que tiveram seus modos de vida, cultura e religião afetados pelo Desastre³⁵.

33 FREITAS, Carlos Machado de; SILVA, Mariano Andrade da; MENEZES, Fernanda Carvalho de. O Desastre na barragem de mineração da Samarco: fratura exposta dos limites do Brasil na redução de risco de Desastres. Cienc. Cult., São Paulo, v.68, n.3, p.25-30. 2016. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04.jul. 2017.

34 SILVA, Gessica; BOAVA, Diego; MACEDO, Fernanda. Refugiados De Bento Rodrigues: Estudo Fenomenológico Sobre O Desastre De Mariana, Mg. In: Anais... 2016. Disponível em: <<https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/viewFile/205/197>>. Acesso em: 04.jul. 2017.

35 FREITAS, Carlos Machado de; SILVA, Mariano Andrade da; MENEZES, Fernanda Carvalho de. O Desastre na barragem de mineração da Samarco: fratura exposta dos limites do Brasil na redução de risco de Desastres. Cienc. Cult., São Paulo, v.68, n.3, p.25-30. 2016. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04.jul. 2017.

Os autores ainda trazem mais dados que surpreendem, dizem que no trecho compreendido entre a barragem e a foz do rio do Carmo (77 km), a lama extravasou o leito do rio causando a destruição de edificações, algo em torno de 389 unidades habitacionais destruídas, 2 instalações públicas de saúde e 6 de ensino, principalmente em Mariana, além de pontes, vias e equipamentos urbanos, abaixo imagens de Bento Rodrigues, antes e depois.

Figura 2 – Bento Rodrigues antes do Desastre



Figura 3 – Bento Rodrigues após o Desastre



Fonte: Imagens de satélite divulgadas pela Digital Globe mostram a comunidade antes e depois da tragédia. As fotos foram registradas em 21 de julho e em 10 de novembro pelo satélite WorldView 2³⁶.

Mas não foi somente a população que foi afetada, os rejeitos de mineração que desceram devido ao rompimento da barragem, atingiram o meio ambiente através da ocupação do leito do curso d'água e de suas margens, impactando negativamente a biodiversidade, além de terem comprometido a vida de pequenos

³⁶ Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/11/12/interna_gerais,707158/imagens-de-satelite-mostram-bento-rodrigues-antes-e-depois-de-tragedia.shtml> .Acesso em: 04 jul. 2017

agricultores e pescadores ao longo do rio Doce, pois provocou a mortandade de peixes em escala nunca antes vista naquela região. Segundo explicam Jacobi e Cibim³⁷, a biodiversidade do rio Doce, com cerca de 80 espécies diversas, foi gravemente afetada. Muitos rios e riachos, por onde a onda de lama passou, foram totalmente soterrados ou severamente assoreados, comprometendo todo o ecossistema.

Lopes³⁸ além disso destaca que o Desastre trouxe prejuízos ao patrimônio cultural da região e também brasileiro:

[...] Bento Rodrigues, embora vilarejo, era um distrito que possuía uma história majestosa e digna de orgulho entre os seus concidadãos. Com 317 anos de existência, abrigava igrejas centenárias com obras sacras importantes e monumentos de notória relevância cultural, além de fazer parte da rota da Estrada Real no século XVII. Além das perdas de vidas humanas, cujos valores são incalculáveis, em apenas onze minutos de avalanche todo patrimônio histórico e cultural, construído ao longo de séculos, fora dizimado pelo mar de rejeitos.

Um ano após a “Tragédia de Mariana” os moradores de Bento Rodrigues elegeram o local onde a mineradora Samarco irá edificar a “Nova Bento Rodrigues”, o local bem como o projeto da cidade foi escolhido através de reuniões entre a comunidade que vivia na antiga Bento e os representantes da Samarco, segundo a empresa registrou, todas as 700 famílias foram ouvidas durante este período de escolha, almeja-se entregar a Nova Bento em 2019, mas as famílias já poderiam começar a ocupar as moradias em meados de 2018, segundo dados passados pela empresa em relatório divulgado em 2016³⁹. Porém isto ainda não aconteceu, pois apenas em meados de 2018, mas precisamente em Julho de 2018, é que a licença ambiental foi liberada para realização das obras.

No caso de Mariana devido ao grande impacto causado e a todo o clamor da sociedade, os responsáveis estão agindo para minimizar os impactos e devolver o mínimo que foi perdido aos moradores de Bento Rodrigues, recolocando-os em uma nova cidade o mais parecido possível com a antiga, o que possibilita a reconstrução da cultura, vínculos sociais e a economia que existia na antiga comunidade que foi destruída e obrigou o deslocamento forçado da população.

Outra população que perdeu praticamente tudo que tinha, mas não teve a mesma “sorte” dos moradores de Bento Rodrigues foi a população do Haiti. O país sofreu e sofre até hoje com os impactos multidimensionais causados pelo terremoto de 2010 que o afetou e provocou a imigração em massa dos nacionais daquele país, principalmente para o Brasil.

Conforme explicam Souza e Bortolotto⁴⁰, no Brasil, em um primeiro momento a porta de entrada da maioria desses deslocados haitianos era a cidade de Brasiléia no estado do Acre, por este motivo a população daquela cidade teve sua rotina alterada, pois os nacionais do Haiti chegavam sem ter onde ficar, sem falar o idioma, sem emprego e muitas vezes sem dinheiro. A situação precária desses deslocados fez o município instalar um abrigo que suportava até 200 pessoas, porém o local chegou a acolher de uma só vez cerca de 800 haitianos, que dependiam de comida, água, cuidados médicos e outros serviços básicos que o município se viu obrigado a fornecer, ajudado por voluntários da própria cidade.

37 ACOBI, Pedro Roberto; CIBIM, Juliana. A NECESSÁRIA COMPREENSÃO DAS CONSEQUÊNCIAS AMPLIADAS DE UM DESASTRE. *Ambient. soc.*, São Paulo, v.18, n.4, Dec.2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1414-753X2015000400001&lng=en&nrm=iso>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

38 LOPES, Luciano Motta Nunes. O rompimento da barragem de Mariana e seus impactos socioambientais. *Sinapse Múltipla*, v. 5, n. 1, p. 1, 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/yuryq/Downloads/11377-44451-1-PB.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

39 SAMARCO. Reconstrução de Bento Rodrigues avança com definição de terreno para novo distrito; ações de recuperação também apresentam resultados. Disponível em: <<http://www.samarco.com/wp-content/uploads/2016/08/06-05-2016-Reconstrucao-de-Bento-Rodrigues-avanca-com-definicao-de-terreno-para-novo-distrito-acoes-de-recuperacao-tambem-apresentam-resultados-1.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

40 DE SOUZA, Andréia Brito; BORTOLOTTI, Claudimara Cassoli. Transformações Urbanas e Imigração Haitiana: Impactos do Novo Fluxo de Imigração no Brasil. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/arquivos/16_ABS.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2017.

Mas não foi só em Brasília que as mudanças ocorreram, por todo o Brasil é possível verificar cidades que tiveram de se adaptar com a chegada da população haitiana. A cidade de São Paulo, por exemplo, acostumada desde muito tempo a receber os Deslocados Internos do nordeste brasileiro, também teve um de seus bairros acrescido de novos restaurantes, lojas e serviços voltados para os haitianos. É no bairro da Liberdade que fica localizado Centro de Acolhida para Imigrantes, lá são oferecidas além de orientação jurídica para solicitação de vistos, aulas de português e apoio psicológico, aos estrangeiros de qualquer nacionalidade em sua maioria Haitianos e agora passou a receber também Sírios⁴¹.

Antes de dar continuidade, é preciso lembrar que conforme foi dito nos parágrafos anteriores, os haitianos não vieram “gratuitamente”, seu deslocamento iniciou no ano de 2010, naquele ano o Haiti foi atingido por um enorme terremoto que agravou as condições de vida da população naquele país⁴², por outro lado, o Brasil vivia uma situação econômica favorável no cenário mundial e era visto como uma possibilidade de recomeço para esses deslocados, que vinham e vêm fugindo das consequências do Desastre e com objetivo de conseguir trabalho para se manter e enviar remessas para manutenção dos familiares que ficam no Haiti⁴³. Atualmente, segundo dados do Governo brasileiro, existem em torno de 44 mil haitianos com vistos permanentes concedidos⁴⁴ e mais um número de aproximadamente 15 mil que vivem de forma irregular no Brasil.

[...] quanto ao grau de escolaridade, conforme registros no Ministério do Trabalho e Emprego (2011), a maioria dos Migrantes haitianos para o Brasil são homens, com idade entre 20 e 30 anos e possuem escolaridade de ensino médio e/ou fundamental incompletos. No entanto, há registros da vinda de advogados, engenheiros e enfermeiros, que, apesar de serem profissionais com formação de nível superior, buscam oportunidades de trabalho mesmo que em outro setor da economia, tais como a indústria e a construção civil. Muitos deles falam de 3 a 4 idiomas (francês, espanhol, inglês e crioulo, língua nativa do Haiti) o que tem impressionado aos empregadores, além da determinação para o trabalho que eles têm demonstrado desde a sua chegada⁴⁵.

Com os Haitianos, o grande problema encontrado é que nem sempre recebem os mesmos salários que os brasileiros na mesma função laborativa, outra vez, não são devidamente registrados por seus empregadores, que dessa forma suprimem direitos como pagamento de FGTS, INSS e outros impostos devidos ao fisco. Destaca-se também as condições muitas das vezes insalubres às quais estes Migrantes acabam se submetendo para morar e trabalhar, e que por sua vez fomentam ou potencializam o aparecimento de doenças que lhes são associadas, como a Chikungunya⁴⁶.

Em um aspecto mais geral os Deslocados Ambientais são pessoas que levam na “bagagem” uma cultura própria, hábitos, costumes, religiões e crenças com as quais nem sempre a localidade receptora está familiarizada, além das barreiras de acomodação naturais como o idioma e preconceitos raciais quando essas pessoas deslocadas são provenientes de países com idioma diferente do local receptor e de raça ou cor diferente, como acontece com os Haitianos.

41 BRANDINO, Géssica. Caminhos do Refúgio. Disponível em: <<http://caminhosdorefugio.com.br/tag/crai/>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

42 DE SOUZA, Andréia Brito; BORTOLOTTI, Claudimara Cassoli. Transformações Urbanas e Imigração Haitiana: Impactos do Novo Fluxo de Imigração no Brasil 1. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/arquivos/16_ABS.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2017.

43 BERNARTT, Maria de Lourdes; PEZARICO, Giovana; PIOVEZANA, Leonel; BORDIGNON, Sandra de Ávila Farias; GIACOMINI, Taize. Diáspora haitiana: primeiros estudos sobre impactos para o desenvolvimento urbano e regional nas regiões sul e norte do Brasil. Cadernos CERU, v. 26, n. 1, p. 101-125, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/download/111168/109470>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

44 BRASIL. Portal Brasil. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/brasil-autoriza-visto-de-residencia-permanente-para-43-8-mil-haitianos>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

45 ZENI, Kaline; FILIPPIM, Eliane Salete. Migração haitiana para o Brasil: acolhimento e políticas públicas. Revista Pretexto, v. 15, n. 2, p. 11-27, 2014.

46 RODRIGUES, Viviane Mozine. Migração haitiana para o Brasil: problemática e perspectivas. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2016/2898-1473446795.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

Já caminhando para o final do trabalho, talvez o exemplo em que mais se poderá notar as consequências dos Desastres Ambientais na questão cultural, social e na essência de um povo é no dos países que tem seu território formado por ilhas como Tuvalu.

Figura 4 – BBC – Ilhas de Tuvalu e Fiji



Fonte: BBC. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/676890.stm>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

Tuvalu só tem 10.544 habitantes, sua área é de 26 quilômetros quadrados, é o segundo menor país em população do mundo, perdendo apenas para o Vaticano, até 2009 pertencia a Inglaterra, mas hoje é independente e surpreendeu com seu desempenho na Conferência do Clima de Copenhague⁴⁷.

[...] era um anão com voz de tenor, ameaçando bloquear negociações se Estados Unidos, Europa e países em desenvolvimento não se comprometessem com medidas que limitassem o aumento da temperatura global em 2 graus Celsius - mais do que isso seria uma sentença de morte às nações insulares, engolidas por oceanos reforçados com o derretimento de geleiras⁴⁸.

Em Tuvalu a maioria da população trabalha para o Governo, o restante ou não exerce função remunerada, recebendo ajuda de parentes que moram em outros países, ou vivem da pesca. Porém, a situação dos habitantes se agrava cada dia mais, primeiro sofriam pelos Ciclones que atingiam as ilhas, mais recentemente pelas secas, já que nas ilhas não há fonte de água potável e é necessário guardar a água da chuva. E agora a subida do nível do mar, é o que leva várias famílias a deixar sua moradia e se deslocar para outros países, como Austrália e Nova Zelândia, mas Tuvalu não possui acordo de migração com eles o que também dificulta a mudança da população sem dinheiro para recomeçar em uma nova localidade⁴⁹.

[...] Diretora do Programa de Refugiados Internacionais e de Leis de Imigração da Universidade de New South Wales, na Austrália, Jane McAdam conhece de perto a realidade de Tuvalu. Para ela, o país deveria investir em diversos fronts a fim de garantir uma existência sustentável. Primeiro, muitos habitantes não querem deixar suas casas, então prover fundos para adaptação para as mudanças climáticas continua sendo muito importante - destacou. - Segundo, várias

47 BBC. Tuvalu country profile. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-asia-pacific-16340072>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

48 GRANDELLE, Renato. Tuvalu, um país com os dias contados. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/tuvalu-um-pais-com-os-dias-contados-3292908>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

49 MADALENO, Isabel Maria. O povo que mede forças com a morte: os ilhéus de Tuvalu, no Pacífico Sul, e a subida das águas do mar. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum., Belém, v.7, n.2, p.493-508, Ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222012000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 05 jul. 2017.

ilhas do Pacífico têm acordos de migração com países como Austrália e Nova Zelândia, o que permitiria que um maior número de pessoas migrasse ao longo do tempo. Isso aliviaria a pressão criada pela superlotação, desemprego e recursos limitados. Assim, aqueles que querem ficar nas ilhas o fariam por mais tempo.

Os tuvaluanos entrevistados por Jane para suas pesquisas rejeitam o rótulo de "Refugiados do clima":- Eles não querem ser vistos como vítimas desamparadas, mas como membros valorosos de uma comunidade. São imigrantes com dignidade.

Segundo ela, a legislação internacional para Refugiados ou para apátridas não se aplica facilmente em um contexto como Tuvalu. Não há, então, "uma solução pronta para este problema". O país segue em busca de respostas - com a população de garganta seca e encurralada pelo oceano crescente⁵⁰.

O povo de Tuvalu não quer ser enxergado como Deslocados Climáticos, quer, sim, soluções, participação e empatia de outras nações para com o problema pelo qual são atingidos, quer a mudança na concepção de que é necessário cuidar das consequências e não das causas do problema⁵¹. Essa também é a concepção da grande parte dos Deslocados Ambientais, principalmente quando as causas dos Desastres vêm da ação humana.

Enquanto que os cidadãos de Tuvalu não sabem ao certo para onde irão quando tiverem suas "vidas" tomadas pela água, os habitantes da República do Kiribati, país pertencente a Micronésia e à Polinésia, com área de 811 quilômetros quadrados, já possuem lugar certo, em 2014 foi concluída a negociação que começou em 2012⁵². Foram adquiridos 20 quilômetros quadrados de floresta nas Ilhas Fiji, para o caso de ser necessário evacuar os aproximadamente 103 mil moradores do Kiribati. O terreno pertencia a Igreja Anglicana que o vendeu por US\$ 8,8 milhões⁵³.

[...] a situação é urgente para Kiribati. O nível do mar ao redor de seus 32 atóis sobe uma média de 1,2 centímetros por ano - 4 vezes mais rápido do que a média mundial. De acordo com Tong, moradores de alguns vilarejos já começaram a migrar e a água do mar contaminou parte dos lençóis freáticos das ilhas. A maré que sobe salga as terras cultiváveis do país, dificultando a produção de alimentos. Destroiu casas e lojas. O aquecimento global também matou os corais próximos às ilhas. Ao morrer, eles deixaram o ecossistema mais pobre. Os peixes foram desaparecendo. A situação é tão ruim que alguns cidadãos de Kiribati já fizeram pedido de asilo na Nova Zelândia⁵⁴.

Porém, se for necessário a aquisição de novas terras para todos os futuros Deslocados Ambientais, possivelmente vai faltar território e também dinheiro para aquisição dessas novas áreas, principalmente se for considerado o fato de que quanto mais há procura, maior será o preço a ser solicitado. Igualmente importante considerar que os países mais atingidos geralmente já possuem uma condição financeira aquém da maioria e podem não ter subsídios suficientes para aquisição dessas novas áreas e para a construção da estrutura necessária para receber os seus nacionais.

50 GRANDELLE, Renato. Tuvalu, um país com os dias contados. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/tuvalu-um-pais-com-os-dias-contados-3292908>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

51 FARBOTKO, Carol; LAZRUS, Heather. The first climate refugees? Contesting global narratives of climate change in Tuvalu. *Global Environmental Change*, v. 22, n. 2, p. 382-390, 2012. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=8119&context=scipa pers>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

52 GRUBBA, Leilane Serratine; MAFRICA, Chiara Antonia Sofia. A proteção internacional aos refugiados ambientais a partir do caso kiribati. *Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável*, v. 12, n. 24, p. 207-226, 2016.

53 ÉPOCA. Um país inteiro se prepara para migrar antes de ser engolido pelo oceano. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/07/um-bpaisb-inteiro-se-prepara-para-migrar-antes-de-ser-engolido-pelo-oceano.html>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

54 ÉPOCA. Um país inteiro se prepara para migrar antes de ser engolido pelo oceano. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/07/um-bpaisb-inteiro-se-prepara-para-migrar-antes-de-ser-engolido-pelo-oceano.html>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

Por fim, ainda que existam recursos e áreas passíveis de aquisição, como fica a Soberania do país que se “mudou” para dentro do território do outro? Funcionaria no mesmo sistema da embaixadas e consulados? Essas questões poderiam ser disciplinadas por legislação própria ou por acordos bilaterais entre os países negociantes, possibilitando a estipulação de normas que atendam não só a legislação, mas também as diferenças culturais que virão a ser enfrentadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os estudos e exemplos acima apresentados, é possível ter um panorama dos vários problemas causados pelos deslocados ambientais e, principalmente, no que tange à questão social dessas pessoas. Ou seja, em um aspecto mais geral da dimensão social, os Deslocados Ambientais são pessoas que mesmo dentro de seu próprio país levam na “bagagem” uma cultura própria, hábitos, costumes, religiões e crenças com as quais nem sempre a localidade receptora está familiarizada, além das barreiras de acomodação naturais como o idioma e preconceitos raciais.

Porém, por ser o Deslocado Ambiental o “alienígena”, ele é quem deve adequar ao novo ambiente social e a cultura e costumes ali praticados, claro que não se pode obrigar o abandono das origens do Deslocado, mas ele deve entender que esse novo ambiente demanda a adaptação dele com os habitantes tradicionais e desses para com ele.

No que tange aos efeitos econômicos, qual seria a relação entre a migração de Deslocados Ambientais como os haitianos para o Brasil e o desenvolvimento? Antes, é preciso considerar alguns aspectos relacionados a situação econômica atual. É de conhecimento público que o Brasil vive uma situação econômica desfavorável até mesmo para seus nacionais, e que foi causada pela utilização de políticas econômicas equivocadas, sem falar na corrupção que, nos últimos anos, ocorreu de forma maciça em vários setores do Estado.

Pois bem, feitas essas considerações é preciso verificar também que a Sustentabilidade deve ser operada através de uma governança Global, apesar dos aspectos particulares de cada país, seja ele de origem ou de recepção dos Deslocados. Os haitianos, por exemplo, em sua maioria enviam remessas de dinheiro para o Haiti com a finalidade de sustentar seus familiares que lá ficaram, estas remessas, se utilizadas de forma correta, auxiliam na reconstrução daquele país, o que, no futuro, poderá possibilitar o retorno do hoje Deslocado Ambiental residente no Brasil ao Haiti.

Assim, essas remessas constituem um importante mecanismo de desenvolvimento econômico em longo prazo, aumentando a renda daquelas pessoas que a recebem no Haiti e reduzindo a pobreza, a fome e outros aspectos diretamente ligados à dimensão social. No mesmo norte, a permanência dos Haitianos no mercado de trabalho brasileiro faz preencher vagas que foram dispensadas por brasileiros, assim como aconteceu em outros países mais economicamente desenvolvidos.

Por outro lado, em uma visão ampliada e geral, para quem permanece na localidade de origem, os fatores ambientais e a consequente perda da população e da força laboral, geram dificuldades para reerguer a economia local. Pois é fato que a migração seleciona o mais forte, portanto, geralmente nas localidades afetadas por Desastres Ambientais, quem permanece são idosos, mulheres e seus filhos, enquanto os homens vão em busca de trabalho e melhores condições em outra localidade.

Em relação aos aspectos da Dimensão Ambiental, é possível notar um aumento nos resíduos sólidos gerados pelos Deslocados Ambientais, além disso, para se estabelecer nas novas localidades em alguns casos são depredadas áreas com vegetação, beiras de igarapés ou rios, morros, o que a bem da verdade já ocorre no Brasil faz algum tempo, sem que a classe política e gestora tome providências satisfatórias. Sendo assim, não há como evitar que o meio ambiente ecológico seja afetado pelos fluxos migratórios dos Deslocados Ambientais, o que se pode buscar é a minimização destes impactos através de mecanismos como a Avaliação de Impacto Ambiental.

Por fim, espera-se que, através dos exemplos e explicações acima, possam ser fomentadas novas pesquisas acerca dos impactos causados aos Deslocados Ambientais, o que se torna muito difícil sem haver o tratamento desses Migrantes de acordo com sua categoria específica de deslocamento, pois atualmente, conforme reiteradas vezes foi destacado, não há nenhum Estado que já reconheça juridicamente pessoas deslocadas por causas ambientais, estas são geralmente encaixadas no conceito de refugiado ou de “meros” imigrantes, recebendo garantias diversas daquelas que realmente deveriam.

REFERÊNCIAS

ACOBI, Pedro Roberto; CIBIM, Juliana. A NECESSÁRIA COMPREENSÃO DAS CONSEQUÊNCIAS AMPLIADAS DE UM DESASTRE. *Ambient. soc.*, São Paulo, v.18, n.4, Dec. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1414-753X2015000400001&lng=en&nrm=iso>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

AGUADO, Itziar; ECHEBARRIA, Carmen; BARRUTIA, José M.. *El desarrollo sostenible a lo largo de la historia del pensamiento económico*. *Revista del Economía Mundial*, Huelva, n. 21, p. 87-110, 2009. p.102.

BATES, Diane C. **Environmental Refugees? Classifying Human Migrations Caused by Environmental Change**, p. 469. Disponível em: <<http://greencurriculumsc.files.wordpress.com/2012/04/environmental-refugees1.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2017. Tradução livre do autor.

BBC. **Tuvalu country profile**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-asia-pacific-16340072>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

BERNARTT, Maria de Lourdes; PEZARICO, Giovana; PIOVEZANA, Leonel; BORDIGNON, Sandra de Ávila Farias; GIACOMINI, Taíze. Diáspora haitiana: primeiros estudos sobre impactos para o desenvolvimento urbano e regional nas regiões sul e norte do Brasil. *Cadernos CERU*, v. 26, n. 1, p. 101-125, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/download/111168/109470>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

BRANDINO, Géssica. **Caminhos do Refúgio**. Disponível em: <<http://caminhosdorefugio.com.br/tag/crai/>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

BRASIL. **Portal Brasil**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/brasil-autoriza-visto-de-residencia-permanente-para-43-8-mil-haitianos>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

BROWN, Lester R. **Eco-economia: construindo uma economia para a terra**. Salvador: UMA, 2003.

BRZOZOWSKI, Jan. Migração internacional e desenvolvimento econômico. *Estud. av.*, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 137-156, Aug. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 mar. 2017.

CASTILHO, Maria Augusta; DE LIMA SUGUIMOTO, Djmes Yoshikazu. CHERNOBYL-A CATÁSTROFE. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, v. 12, n. 2, p. 316-322, 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/yuryq/Downloads/1506-5166-1-PB.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

DE SOUZA, Andréia Brito; BORTOLOTTI, Claudimara Cassoli. **Transformações Urbanas e Imigração Haitiana: Impactos do Novo Fluxo de Imigração no Brasil**1. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/arquivos/16_ABS.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2017.

DISCOVERYCHANNEL. **O Desastre de Chernobyl**. (Vídeo) diretor Thomas Johnson. 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bv4AoqZsfHs>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

DUPUY, Jean-Pierre. A catástrofe de Chernobyl vinte anos depois. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 21, n. 59, p. 243-252, apr. 2007. ISSN 1806-9592. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10219>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

ÉPOCA. **Um país inteiro se prepara para migrar antes de ser engolido pelo oceano.** Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/07/um-bpaisb-inteiro-se-prepara-para-migrar-antes-de-ser-engolido-pelo-oceano.html>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

FALICOV, Celiza Jaes. Migración, perdida ambigua y rituales. **Perspectiva Sistémica.** Buenos Aires, n.69. 2011. Disponível em: <<http://www.redsistemica.com.ar/migracion2.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

FARBOTKO, Carol; LAZRUS, Heather. The first climate refugees? Contesting global narratives of climate change in Tuvalu. **Global Environmental Change**, v. 22, n. 2, p. 382-390, 2012. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=8119&context=scipapers>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

FREITAS, Carlos Machado de; SILVA, Mariano Andrade da; MENEZES, Fernanda Carvalho de. O Desastre na barragem de mineração da Samarco: fratura exposta dos limites do Brasil na redução de risco de Desastres. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v.68, n.3, p.25-30. 2016. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 jul. 2017.

FREITAS, Juarez. **Sustentabilidade: direito ao futuro.** 2. Ed. Belo Horizonte: Fórum, 2012.

GARCIA, Denise Schmitt Siqueira; QUEIROZ, Yury Augusto dos Santos. **Impactos Multidimensionais Da Sustentabilidade Causados Pelos Deslocados Ambientais.** Aguardando publicação. GONZÁLEZ, Abel J. Chernobyl: ten years after: global experts clarify the facts about the 1986 accident and its effects. **IAEA BULLETIN**, v. 3, p. 2-13, 1996. Disponível em: <<https://www.iaea.org/sites/default/files/38302740213.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

GRANDELLE, Renato. **Tuvalu, um país com os dias contados.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/tuvalu-um-pais-com-os-dias-contados-3292908>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

GRUBBA, Leilane Serratine; MAFRICA, Chiara Antonia Sofia. A Proteção Internacional Aos Refugiados Ambientais a Partir do Caso Kiribati. **Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável**, v. 12, n. 24, p. 207-226, 2016.

IPATYEV, Victor A.. **Healing the damage of Chernobyl: radiationcontaminated forests and their rehabilitation.** Unasylyva: FAO, 2007. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/004/y2795e/y2795e08.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2016. K., Natalie. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/134545107598582845/>>. Acesso em: 04 jul. 2017

LEFF, Henrique. **Discursos sustentáveis.** São Paulo: Cortez, 2010.

LOPES, Luciano Motta Nunes. O rompimento da barragem de Mariana e seus impactos socioambientais. **Sinapse Múltipla**, v. 5, n. 1, p. 1, 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/yuryq/Downloads/11377-44451-1-PB.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

MADALENO, Isabel Maria. Opovo quemede forças com a morte: os ilhéus de Tuvalu, no Pacífico Sul, e as subidades águas do mar. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.**, Belém, v.7, n.2, p.493-508, Ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222012000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 05 jul. 2017.

MARA, Wil. **The Chernobyl disaster: legacy and impact on the future of nuclear energy** (Perspectives on). NY: Marshall Cavendish Corporation, 2011. p.77.

MARTÍN MATEO, Ramón. **Tratado de Derecho Ambiental.** Madrid: Trivium, 1992, II. v

MARTUSCELLI, Patrícia Nabuco. De Chernobyl a Fukushima: os impactos dos danos ambientais nos direitos das crianças. **Estudos internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas**, v. 3, n. 2, p. 225-246, 2016.

MONTIBELLER FILHO, Gilberto. O mito do Desenvolvimento Sustentável: **meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Trajetória da Sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estud. av.** São Paulo, v. 26, n. 74, p. 51-64, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 Aug. 2016.

PACÍFICO, Andrea Pacheco; GAUDÊNCIO, Marina Ribeiro Barboza. Protection of the environmentally displaced in the International regime of refugees. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 22, n. 43, p. 133-148, 2014. p.139.

PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática**. 13. ed. Florianópolis: Conceito Editorial, 2015.

PERDOMO, Rosa Pérez. Os efeitos da migração. **Ethos Gubernamental**, p. 111-124, 2006. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/1555-8746/2007/vn4/a111-123-2.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

REAL FERRER, Gabriel. Calidad de vida, medio ambiente, sostenibilidad y ciudadanía ¿construimos juntos el futuro?. **Novos Estudos Jurídicos**. 2012. Disponível em: <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/34959/1/2012_Real_NEJ.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2017.

REAL FERRER, Gabriel. *La Construcción Del Derecho Ambiental*. **Novos Estudos Jurídicos**, [S.l.], v. 18, n. 3, p. 347-368, dez. 2013. ISSN 2175-0491. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/nej/article/view/5128>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

RODRIGUES, Viviane Mozine. **Migração haitiana para o Brasil: problemática e perspectivas**. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2016/2898-1473446795.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

ROSA, Lisiane da; BUSATO, Maria Assunta. Transformações sociais e do meio ambiente vivenciadas por famílias atingidas pela hidrelétrica Foz do Chapecó. In: PIT DAL MAGRO, Márcia Luíza; RENK, Arlene; FRANCO, Gilza Maria de Souza. (orgs.). **Impactos socioambientais da implantação da hidrelétrica Foz do Chapecó**. Chapecó, Santa Catarina. Ed. Argos. 2015.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond. 2002.

SAMARCO. **Reconstrução de Bento Rodrigues avança com definição de terreno para novo distrito**; ações de recuperação também apresentam resultados. Disponível em: <<http://www.samarco.com/wp-content/uploads/2016/08/06-05-2016-Reconstrucao-de-Bento-Rodrigues-avanca-com-definicao-de-terreno-para-novo-distrito-acoes-de-recuperacao-tambem-apresentam-resultados-1.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

SAQUET, M. A. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SCHWARTZ, Julia A. International nuclear third party liability law: the Response to Chernobyl. In: NEA-OECD/ IAEA. **International Nuclear Law in the Post-Chernobyl Period**. Paris: OECD, 2006. ISBN 92-64-02293-7. Disponível em: <<https://www.oecd-nea.org/law/chernobyl/SCHWARTZ.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2016

SILVA, Gessica; BOAVA, Diego; MACEDO, Fernanda. Refugiados De Bento Rodrigues: Estudo Fenomenológico Sobre O Desastre De Mariana, Mg. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. 2016. Disponível em: <<https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/viewFile/205/197>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

ZENI, Kaline; FILIPPIM, Eliane Salete. Migração haitiana para o Brasil: acolhimento e políticas públicas. **Revista Pretexto**, v. 15, n. 2, p. 11-27, 2014.